

Para lutar contra o capital é preciso lutar também contra o sindicato¹

Anton Pannekoek*

A Organização e suas primeiras formas

A organização é o princípio fundamental de luta da classe operária por sua emancipação. Disso decorre que, do ponto de vista do movimento prático, o problema mais importante é o das formas que deve assumir tal organização. Estas formas estão naturalmente determinadas tanto pelas condições sociais como pelos objetivos da luta. Longe de ser um resultado dos caprichos da teoria, só podem ser criadas pela classe operária que atua espontaneamente em função de suas próprias necessidades imediatas.

Os trabalhadores criaram os sindicatos na época em que o capitalismo iniciava sua expansão. O trabalhador isolado se via reduzido à impotência: por isso teria que unir-se com seus companheiros se queria lutar e discutir com o capitalista a duração da jornada de trabalho e o preço de sua própria força de trabalho. No seio do modo de produção capitalista, patrões e trabalhadores possuem interesses antagônicos: sua luta de classes tem por objetivo a repartição do produto social global. Normalmente, os trabalhadores recebem o valor de sua própria força de trabalho, quer dizer, a soma necessária para manter sua capacidade de trabalho. A parte restante da produção constitui o mais-valor, a parte apropriada pela classe capitalista. Para aumentar seus próprios benefícios, os capitalistas tratam de abaixar os salários e de alongar a duração da jornada de trabalho. Por isso, na época em que os trabalhadores eram incapazes de se defenderem, os salários desciam abaixo do mínimo necessário, as jornadas de trabalho eram alongadas e a saúde física e nervosa do trabalhador se deteriorava até o ponto que colocava em risco o próprio futuro da sociedade. A formação dos sindicatos e a promulgação das leis que regulassem as condições de trabalho – fruto de uma dura luta da classe operária pelas condições de sua própria existência – eram

¹ Texto publicado na revista *Living Marxism* em 1938. Digitalizado e publicado em espanhol pelo grupo de Comunistas de Conselhos da Galiza, disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/pannekoek/1938/sindicato.htm>. Traduzido para o português por Edmilson Marques (Integrante do Núcleo de Pesquisa Marxista).

* Foi um dos principais representantes do comunismo de conselhos. Nasceu em 1873 na Holanda e morreu em 1960. Escreveu uma série de artigos e obras que tornaram fundamentais para a luta revolucionária do proletariado. Uma boa parte de sua produção intelectual se encontra disponível na internet. O texto que aqui publicamos é fruto de um trabalho de conjunto de indivíduos que buscam divulgar seu pensamento, através da sua tradução para outros idiomas.

indispensáveis para que se restabelecessem as condições de trabalho normais no interior do sistema capitalista. A própria classe exploradora acabaria admitindo que os sindicatos são necessários para canalizar as revoltas operárias e impedir os riscos de uma explosão imprecisa e brutal.

Se produz assim o desenvolvimento de organizações políticas, cujas formas – é certo – variavam geralmente de um país a outro em função das situações políticas locais. Na América, onde toda uma população de lavradores, artesãos e comerciantes, ignorantes da submissão feudal, podia expandir-se livremente explorando os recursos naturais de um continente cujas possibilidades pareciam infinitas, os trabalhadores não tinham a sensação de formar uma classe a parte. Como todos os demais, estavam imbuídos do espírito pequeno burguês da luta individual e coletiva pelo bem estar pessoal, e podiam esperar, pelo menos em certa medida, que suas aspirações viriam a ser satisfeitas. Com escassas exceções, sobre tudo entre grupos de emigrantes recentes, nunca se sentiu a necessidade de um partido de classe distinto.

Na Europa, por outro lado, os trabalhadores se viram arrastados na luta da burguesia ascendente contra a ordem feudal. De imediato tinham que criar partidos de classe e, ao invés de aliar-se com uma facção das classes medias, combatiam pela obtenção de direitos políticos e sindicais, liberdade de expressão e de reunião, sufrágio universal e instituições democráticas. Para sua propaganda, um partido político necessita de alguns princípios gerais: para disputar com os demais, necessita uma teoria que contenha ideias precisas e definidas sobre o futuro. A classe operária, na qual já havia germinado os ideais comunistas, descobriu sua própria teoria na obra de Marx e Engels que expuseram de que modo a evolução social havia de passar ao mundo do capitalismo ao socialismo através da luta de classes. Esta teoria aparece nos programas da maior parte dos partidos socialdemocratas europeus. Na Inglaterra, o partido dos trabalhadores, criado pelos sindicatos, professava opiniões semelhantes, porém ainda mais vagas: uma espécie de comunidade socialista era – a seus olhos – o objetivo final da luta de classes.

Os programas e a propaganda de todos estes partidos apresentavam a revolução proletária como o resultado final da luta de classes; a vitória dos trabalhadores sobre seus opressores significaria, além disso, a criação de um sistema de produção comunista ou socialista. No entanto, enquanto durasse o capitalismo, a luta prática não teria que transcender o marco das necessidades imediatas e da defesa do nível de vida. Em um regime

democrático, o Parlamento era o lugar no qual se enfrentavam, como em um campo fechado, os interesses das diferentes classes sociais: capitalistas grandes e pequenos, proprietários de terras, camponeses, artesãos, comerciantes, industriais, operários, todos possuem interesses específicos, que seus respectivos deputados defendem no Parlamento, todos participam na luta pelo poder e por sua parte do produto social. Os operários, por conseguinte, devem tomar posições, e a missão dos partidos socialistas consiste em lutar no plano político de modo que sejam satisfeitos seus interesses imediatos. Estes partidos obtêm deste modo os votos concedidos aos trabalhadores e aumentam a sua influência.

O futuro do velho movimento operário

O desenvolvimento do capitalismo tem transformado tudo isto. As pequenas oficinas têm sido substituídas pelas grandes fábricas e as gigantescas empresas nas quais trabalham milhares ou dezenas de milhares de pessoas. O crescimento do capitalismo e da classe operária vem tendo como consequência o crescimento de suas respectivas organizações. Os sindicatos, que em sua origem eram grupos locais, se transformaram em grandes confederações nacionais, com centenas de milhares de membros. Devem recolher somas consideráveis para sustentar greves gigantescas, e ainda somas maiores para alimentar os fundos de ajuda mútua. Se tem desenvolvido toda uma burocracia dirigente, um estado plebiscitário maior de administradores, de presidentes, de secretários gerais, de diretores de periódicos. Encarregados de negociar com os patrões, estes homens se converteram em especialistas habituados a temporizar e a se colocar ao lado dos “fatos”. Em suma, eles que decidem tudo, desde a utilização dos fundos ao conteúdo da imprensa; diante desses novos patrões, os afiliados da base perderam praticamente toda a sua autoridade. Esta metamorfose das organizações operárias em instrumentos de poder sobre seus próprios membros não carece de antecedentes históricos: sempre que uma organização tem crescido desmesuradamente, tem escapado o controle das massas.

Fenômeno idêntico se tem produzido nas organizações políticas, que se tem transformado dos pequenos grupos de propagandistas que eram em um princípio, em grandes partidos políticos. Seus verdadeiros dirigentes são os deputados do Parlamento, cuja função é, em efeito, a de conduzir a luta real pelo curso dos organismos representativos, nos quais eles fazem carreira. São eles que redigem os editoriais, elaboram a propaganda, formam os quadros de categorias inferiores, exercem uma influência preponderante sobre a política do

partido, têm direitos de voto, colaboram na propaganda, pagam as taxas e mandam seus delegados aos congressos do partido, mas isto não são mais que poderes formais, ilusórios. Devido às suas características, a organização se assemelha à dos demais partidos, que não são nada mais que grupos de políticos profissionais que tentam conseguir votos por meio de slogans e de ocupar uma parcela do poder. Quando um partido socialista dispõe de um grande número de deputados, se alia com outros partidos contra os partidos políticos mais reacionários, para formar uma maioria parlamentar. A partir deste momento, não só aparece uma multidão de prefeitos ou vereadores socialistas, mas que alguns deles chegam inclusive a ministros ou ocupam os mais altos cargos do Estado. Uma vez instalados nestes lugares, são naturalmente incapazes de agir como representantes da classe operária, de governar em favor dos trabalhadores contra os capitalistas. O real poder político e a própria maioria parlamentar permanecem nas mãos das classes exploradoras. Os ministros socialistas devem se curvar aos interesses da sociedade global, ou seja, aos interesses do Capital. Provavelmente, os veremos propor medidas para atender as reivindicações imediatas dos operários e pressionar aos demais partidos para fazê-los adotar. Deste modo se convertem em intermediários – proxenetas – e quando, após suas negociações, buscam conseguir pequenas reformas, se dedicam a convencer os operários de que se trata de reformas muito importantes. Como instrumento destes líderes, o Partido socialista acaba limitando-se à tarefa de defender estas reformas e convencer os operários a aceitá-las, ao invés de incentivá-los a lutar por seus próprios interesses, adormecendo-os e apartando-os da luta de classes.

No que respeita aos trabalhadores, as condições de sua luta têm se deteriorado. A força da classe capitalista tem crescido enormemente, paralelamente a sua riqueza. Em outras palavras, a concentração do capital nas mãos de uns poucos capitães das finanças e da indústria, a mesma coalizão patronal, colocam os sindicatos diante de um poder que agora é muito mais forte, muitas vezes quase inexpugnável. Além disso, a brutal concorrência desencadeada entre todos os capitalistas do mundo para conquistar os mercados, as fontes de matérias primas e o poder mundial, explica que partes cada vez mais significativas do mais-valor se destinem à fabricação de armas e à guerra: a queda da taxa de lucro força os capitalistas a aumentar a taxa de exploração, ou seja, a abaixar o valor real dos salários. Os sindicatos se deparam assim com uma resistência muito grande, mais encarniçada, e os velhos métodos se tornam progressivamente impraticáveis. Quando negociam com os patrões, os dirigentes sindicais não são capazes de arrancar grandes coisas

deles. E embora não ignorem a força alcançada pelos capitalistas, estão tão pouco dispostos, de sua parte, a lutar (desde o momento em que sua luta poderia arruinar financeiramente as organizações e colocar em risco sua própria existência) que se vêm forçados a aceitarem as propostas patronais. Sua principal atividade consiste, portanto, em acalmar o descontentamento dos trabalhadores e em apresentar as ofertas dos empregadores como se fossem propostas favoráveis. É neste sentido que os líderes servem de mediadores entre as classes antagônicas. Se os operários rechaçam estas ofertas e se lançam à greve, os chefes se vêm obrigados ou a se oporem a eles ou afazê-los entender que toleram a luta, mas na condição de que termine o mais rápido possível.

No entanto, é impossível impedir a luta ou reduzi-la ao mínimo: os antagonismos de classe e a capacidade do capitalismo para reduzir o nível de vida dos operários cresce continuamente, e, por tanto, a luta de classes deve seguir seu curso: os trabalhadores se vêm obrigados a lutar. De vez em quando, espontaneamente, rompem suas cadeias, sem se preocupar com os sindicatos, inclusive a despacho dos compromissos e dos acordos firmados em seu nome. Se os líderes sindicais conseguem retomar a direção do movimento, se assiste a uma extinção gradual da luta, como consequência de um acordo firmado entre os capitalistas e os chefes dos operários. O qual não significa que uma greve selvagem prolongada tenha possibilidades de triunfar; é algo demasiado restringido e limitado aos grupos diretamente interessados. De um modo puramente indireto os patrões se vêm obrigados a mostrar-se prudentes por medo de que se repitam este tipo de explosões. No entanto, estas greves constituem a prova de que a grande batalha entre o Capital e o Trabalho não pode terminar, e que, se as antigas formas de ação se revelam impraticáveis, os trabalhadores se comprometem profundamente e criam espontaneamente outras novas. Sua revolta contra o Capital se converte, ao mesmo tempo, em uma revolta contra as formas tradicionais de organização.

As formas de organização revolucionárias

São muitos os que continuam concebendo a revolução proletária sob o aspecto das antigas revoluções burguesas, quer dizer, como uma série de etapas que se originam umas a partir de outras; em primeiro lugar, a conquista do poder político e a formação de um novo governo; depois a expropriação, por decreto, da classe capitalista; e finalmente, uma reorganização do processo de produção. Mas, deste modo, o resultado só pode ser uma

espécie de capitalismo de Estado. Para que o proletariado possa converter-se realmente no patrão de seu próprio destino, é preciso que crie simultaneamente sua própria organização e as formas da nova ordem econômica. Estes dois elementos são inseparáveis e constituem o processo da revolução social. Quando a classe operária conseguir se organizar em um corpo único capaz de levar a cabo ações de massas potentes e unificadas, haverá soado a hora da revolução, já que o capitalismo só pode dominar os indivíduos desorganizados. E quando as massas organizadas se lançam à ação revolucionária, enquanto os poderes constituídos estão paralisados e começam a se desintegrar, as funções de direção passam do antigo governo às organizações operárias. A partir deste momento, a principal tarefa é a de continuar a produção, assegurar este processo indispensável à vida social. Na medida em que a luta de classes revolucionária do proletariado contra a burguesia e contra seus órgãos é inseparável da confiscação, por parte dos trabalhadores, do aparato de produção e da extensão de tal confiscação do produto social, a forma de organização que une a classe em sua luta constitui simultaneamente a forma de organização do novo processo de produção.

Neste contexto, a forma de organização em sindicato ou em partido, originário do período do capitalismo em ascensão, já não apresenta a menor utilidade. Estas formas têm sofrido, em efeito, uma metamorfose, transformando-se em instrumentos a serviço dos chefes que não podem nem querem envolver-se na batalha revolucionária. A luta não é levada a cabo pelos dirigentes: os líderes dos operários abominam a revolução proletária. Assim, pois, para levar a sua batalha até o fim, os trabalhadores têm necessidade de novas formas de organização com as quais mantêm firmemente em suas mãos os principais elementos de força. A pretensão de construir ou imaginar formas novas seria em vão, pois estas só surgem da luta efetiva dos próprios operários. Mas basta olhar para a prática para descobri-las, em estado embrionário, em todos aqueles casos nos quais os trabalhadores se rebelam contra os velhos poderes.

Durante uma greve geral, os operários tomam as decisões em assembleias gerais. Elegem comitês de agitação, cujos membros são revogáveis a qualquer momento. Se o movimento se propaga a um grande número de empresas, a unidade de ação se realiza através de comitês ampliados, que reúnem os delegados de todas as fábricas em greve. Estes delegados não decidem o alcance da base nem tratam de impor-lhes a esta sua vontade. Seu papel é o de simples transmissores, que expressam as opiniões e os desejos dos grupos e aqueles que representam e, vice-versa, que transmitem às assembleias gerais, encarregadas

de discuti-las e tomaras decisões, as opiniões e os argumentos dos demais grupos. Revogáveis a qualquer momento, não podem desempenhar um papel dirigente. Os operários devem escolher o seu próprio caminho sozinho, decidir por si mesmos a direção que deve tomar sua ação: o poder de decidir e de agir, com todos os riscos e responsabilidade envolvida, é de sua exclusiva competência. E quando a greve acaba, os comitês desaparecem.

Existe um só exemplo de uma classe operária industrial moderna que desempenhou a função de força motriz de uma revolução política: é o exemplo das revoluções russas de 1905 e 1917. Em cada fábrica, os operários elegeram os seus delegados, a assembleia geral dos quais constituía o “soviète” central, conselho no qual se discutia a situação e se tomavam as decisões. Ali se encontravam as opiniões procedentes das diferentes fábricas e ali eram esclarecidas as divergências e eram formuladas as decisões. Mas os conselhos, apesar de terem uma influência diretiva sobre a educação revolucionária que se ia realizando por meio das ações, não eram de fato organismos de controle. Sucedia às vezes que todos os membros de um conselho eram presos, e novos delegados os substituíam; outras vezes, quando a greve deixava as autoridades paralisadas, os conselhos exerciam todos os poderes ao nível local, e os delegados das profissões liberais se uniam a eles, em representação de seus respectivos setores de atividade.

Esta organização conselhistas desapareceu após a revolução. Os centros proletários eram simples ilhotas da grande indústria, perdidos no oceano de uma sociedade agrícola na qual o desenvolvimento capitalista, todavia, não havia iniciado. A missão de lançar as bases do capitalismo caiu nas mãos do partido comunista. Foi este quem assumiu o poder político enquanto os sovietes eram reduzidos a órgãos sem importância com poderes puramente nominais.

As velhas formas de organização, os sindicatos e os partidos políticos, e a nova forma dos conselhos (sovietes) pertencem a fases diversas da evolução social e têm funções totalmente distintas. As primeiras teriam por objetivo reforçar a situação da classe operária no interior do sistema capitalista, e estão ligadas ao período de sua expansão. O objetivo da segunda é, em vez disso, o de criar um poder operário, abolir o capitalismo e a divisão da sociedade em classes; e está ligada ao período de decadência do capitalismo. No seio de um sistema ascendente e próspero, a organização dos conselhos é inviável, a partir do momento que os operários se preocupam unicamente de melhorar suas próprias condições de existência, coisa que torna possível a ação sindical e política. Em um capitalismo em

decadência, presa à crise, este último tipo de ação resulta vã, e agarrar-se ao mesmo não pode senão frear o desenvolvimento da luta e da atividade autônoma das massas. Em épocas de tensão e de revolta crescentes, quando os movimentos grevistas se expandem por países inteiros e fazem cambalear as bases do poder capitalista, ou quando depois de uma guerra ou de uma catástrofe política a autoridade do governo é abalada e as massas passam à ação, as velhas formas de organização dão lugar às novas formas de autoatividade das massas.

Pela ação direta

Neste ponto surge uma questão de excepcional importância: como é possível deduzir a existência ou o florescer de uma vontade de luta no seio da classe operária? Para responder, temos de afastar, acima de tudo, do âmbito das disputas entre os partidos políticos – concebidas, sobretudo, para zombar das massas – e dirigir-nos para o interesse econômico, que é o lugar para o qual as massas dirigem intuitivamente sua áspera luta destinada a defender seu padrão de vida. Neste sentido se torna evidente que com a passagem da pequena à grande empresa, os sindicatos deixaram de ser instrumentos de luta proletária. Em nossa época, estão se transformando paulatinamente em organismos dos quais o capital monopolista se serve para ditar alternativas à classe operária.

Quando os trabalhadores começam a perceber que os sindicatos são incapazes de dirigir sua luta contra o capital, a tarefa mais imediata é a de descobrir e aplicar novas formas de luta – a greve selvagem. Este é, em efeito, o meio para livrar-se das tutelas exercidas pelos velhos líderes e pelas velhas organizações, o meio que permite tomar as medidas necessárias, julgar o momento e as formas de ação, definir todas as decisões úteis; neste novo contexto, os operários devem encarregar-se eles mesmos de fazer propaganda, de estender o movimento e de dirigir a ação. As greves selvagens constituem explosões espontâneas, a manifestação autêntica da luta de classe contra o capitalismo. Até hoje, certamente, não foram determinado apenas objetivos mais gerais: mas isto não impede que expressem de um modo concreto o nascimento de uma nova mentalidade nas massas rebeldes: a ação autônoma, já não dirigida pelos chefes: o espírito de independência, e já não de submissão: a vontade de luta ativa, e já não a aceitação passiva de ordens que vêm de cima; a solidariedade e a unidade indestrutível com os companheiros, e já não o dever imposto pela filiação política e sindical. Esta unidade na ação, na greve, corresponde, naturalmente, à unidade no trabalho produtivo de cada dia: o que leva aos trabalhadores a refletir deste modo,

como um só homem, é a atividade coletiva, é o interesse comum diante de um patrão capitalista comum. Todas as posturas individuais, todas as forças de caráter e de pensamento, exaltadas e tensas ao extremo, se unem, por meio das discussões e das decisões, em um objetivo comum.

No curso da greve selvagem, já se delineiam as características de uma nova orientação prática da classe operária, de uma nova tática: é o método da ação direta. Estas lutas constituem a única rebelião que conta diante às potências degradantes e regressivas do capital internacional, do capital-patrão do mundo. A verdade é que em pequena escala, tais movimentos estão quase irremediavelmente destinados a terminar bruscamente em um fracasso total, são simplesmente sinais premonitórios. Para converter-se em movimentos eficazes, se requer uma condição: a conquista progressiva das massas. Efetivamente, só o medo de ver estas greves estender-se ao infinito pode induzir o capitalista a concordar. Se a exploração torna-se cada vez mais intolerável – na qual é indubitável – a resistência não deixará de renascer e afetará as massas cada vez maiores. Quando esta resistência assume uma amplitude tal que produza graves perturbações na ordem social, quando os trabalhadores atacarem o Capital em sua própria essência, isto é, na apropriação das empresas, deverão então enfrentar o poder do Estado e seus imensos meios. A greve assumirá então um caráter necessariamente político; os comitês de agitação, encarnação das comunidades de classe, assumirão funções sociais de outra magnitude, começando a revestir a forma de conselhos operários. A partir deste momento, despontará no horizonte a revolução social, o afundamento do capitalismo.

Conselhos ou Estado

O socialismo que nos tem transmitido o século XIX não era mais que a crença em uma missão social atribuída aos chefes socialistas e aos *politicastros*² profissionais: transformar o capitalismo em um sistema econômico colocado sob a direção do Estado, livre de toda forma de exploração e que desse a todo o mundo a possibilidade de viver em

² Não há tradução para o português, mas parece se assemelhar com a palavra “politiqueiro” ou aquele que faz politicagem, característica de indivíduos que atuam em organizações burocráticas (partidos políticos, sindicatos, etc.) que de forma oportunista buscam atender seus interesses em detrimento dos interesses das classes exploradas e oprimidas [N.T.]. Segundo dicionário espanhol, se trata de um político inábil, rasteiro, mal intencionado, que atua com fins e meios sujos.

abundância. O início e o fim da luta de classes era que o único meio que teriam os operários de conquistar a liberdade consistia em levar estes socialistas ao governo.

Por que não se verificou isso? Porque o insignificante gesto que se fazia durante um curto prazo por uma cabine de votação não teria apenas relação com uma luta de classe real. Porque os *politicastros* socialistas queriam lutar por si mesmo contra o imenso poder da classe capitalista, enquanto as massas trabalhadoras, reduzidas a categorias de espectadores passivos, contavam com este punhado de homens para transformar o mundo. Como era possível que, assim as coisas, os *politicastros* não se haviam abandonado à rotina, sempre dispostos a justificá-la, a seus olhos, por haver remediado, com medidas legislativas, os abusos mais escandalosos? Hoje é evidente que o socialismo, no sentido da gestão estatal e planificada da economia, corresponde ao socialismo de Estado, e que o socialismo no sentido de emancipação dos trabalhadores, exige uma mudança total de orientação. A nova orientação do socialismo consiste na autogestão da produção, na autogestão da luta de classes por meio dos conselhos operários.

As transformações econômicas produzem lentamente mudanças de mentalidade. Educados a acreditar no socialismo, os operários se encontram completamente desconcertados ao ver que este leva agora a resultados totalmente opostos, a um agravamento da escravidão. É realmente duro chegar a compreender que o socialismo e o comunismo se tem convertido em sinônimo de doutrinas de sujeição. A nova orientação não pode afirmar-se da noite à manhã, requer tempo: é possível que só a nova geração seja capaz de perceber a sua necessidade em toda a sua amplitude.

Ao terminar a primeira guerra mundial, a revolução internacional parecia iminente; a classe operária se alçava com a grande esperança de ver seus velhos sonhos transformados em realidade. Mas eram sonhos de liberdade parcial, e por isso não podiam realizar-se.

Atualmente, quer dizer, depois da segunda guerra mundial, apenas a escravidão e o extermínio parecem iminentes; os dias de esperança estão distantes, mas emerge confusamente uma tarefa, que é o grande objetivo a cumprir, a autêntica liberdade.

Mais poderoso que nunca, o capitalismo se afirma como patrão do mundo. Mais poderosa que nunca, a classe operária deve afirmar-se em sua própria luta para dominar o mundo. O capitalismo tem descoberto formas de repressão mais poderosa que nunca. A classe operária deve descobrir e servir-se de formas de luta mais poderosas que nunca.

Um século atrás, quando os operários constituíam uma pequena classe de indivíduos pisoteados e reduzidos à impotência ressoava o lema: “Proletários de todos os países, uni-vos! Não tem nada mais a perder que as suas cadeias, e tereis todo o mundo a ganhar”. Desde então os operários se tem convertido na classe mais numerosa da sociedade: tem se unido, mas de um modo, todavia, imperfeito. Somente tem formado grupos, grandes ou pequenos, mas não tem alcançado, todavia, sua unidade como classe. Tem se unido de uma forma superficial, externa, mas não em essência, em profundidade. E, no entanto, seguem sem ter outra coisa a perder que suas cadeias; e o que, por outra parte, pudessem perder, tampouco o perderiam precisamente lutando, senão apresentando-se temerosamente. O mundo que está a seu alcance começa a ser vagamente vislumbrado. No passado, os trabalhadores não podiam representar nenhum objetivo claro capaz de uni-los, e por isso suas organizações acabaram convertendo-se em instrumento do capitalismo. Hoje, o objetivo se delinea mais claramente; contra um domínio reforçado por meio de uma economia planificada sob a autoridade do Estado, se encontra o que Marx chamava de associação dos produtores livres e iguais. É preciso unir, ao chamado de unidade, uma indicação sobre o objetivo: *Tomar as fábricas e as máquinas! Impor o vosso poder sobre o aparato produtivo! Organizar a produção por meio dos conselhos operários!*